



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS - BAURU



ANDREINA ALESSANDRA NASCIMENTO RIBEIRO

**JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E DESAFIOS.**

Bauru
2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS - BAURU



ANDREINA ALESSANDRA NASCIMENTO RIBEIRO

**JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E DESAFIOS.**

Orientador(a): Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de
Bauru - Curso de Educação Física Licenciatura.

Bauru
2025

Ribeiro, Andreina Alessandra Nascimento.

Jogos cooperativos na Educação Física Escolar:
fundamentos, práticas e desafios /Andreina
Alessandra Nascimento Ribeiro. – Bauru, 2025
28 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Educação Física) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França
Hunger

1. Jogos Cooperativos. 2.Educação Física
Escolar. 3.Práticas pedagógicas. 4.Revisão
Bibliográfica Narrativa

I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, por me ensinar o valor da persistência, por todo o amor e apoio incondicional, e por estar ao meu lado em cada desafio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, saúde e sabedoria para chegar até aqui. Nos momentos em que pensei não ser capaz, quando o desânimo parecia vencer, foi Ele quem permaneceu ao meu lado, mostrando que Seus planos são sempre maiores que os meus e que nada acontece sem a Sua permissão.

Aos meus pais, Andreza e Marcos, minha eterna gratidão. Mesmo com a distância física, sempre acreditaram no meu potencial e me apoiaram em cada decisão ao longo dessa jornada. Obrigada por todo amor, paciência e incentivo, e por estarem presentes, mesmo de longe, nos momentos mais difíceis. Vocês são minha base e me tornaram a mulher que sou hoje, tudo o que eu conquistei carrega uma parte de vocês.

Ao meu irmão, meu pequeno grande amor, agradeço por ser a luz que ilumina os meus dias, mesmo de longe. Esses últimos anos têm passado tão rápido que às vezes me dói perceber que não estou acompanhando de perto o seu crescimento. Ainda assim, cada lembrança, cada risada e cada abraço ficam guardados em mim como força para seguir. Você é a minha motivação, o motivo pelo qual quero ser alguém melhor. Obrigada por me ensinar, com a pureza do seu olhar, que o amor verdadeiro é simples e imenso.

Agradeço à minha orientadora, professora Dagmar, por aceitar me acompanhar neste trabalho, pela paciência, dedicação e por todas as orientações que possibilitaram a construção deste estudo.

Sou profundamente grata pelas amizades que o curso me proporcionou: aquelas que passaram e deixaram sua marca, e aquelas que permanecem e que levarei comigo para a vida.

Arthur e Luana, obrigada por dividirem comigo não apenas o bacharelado, mas também a licenciatura. Crescemos juntos, enfrentamos medos, celebramos vitórias e transformamos desafios em força.

Obrigada, Adriana, pela amizade construída no laboratório, que eu jamais imaginaria que se tornaria tão especial. Agradeço por me apoiar, incentivar e por me inspirar a sonhar e a desejar horizontes maiores para a minha formação acadêmica.

Estendo minha gratidão aos projetos de extensão nos quais participei: Atletismo, Natação Adaptada, Brincando e Dialogando, Ativa Parkinson e Pibid. Cada experiência contribuiu de forma significativa para minha formação pessoal e profissional, ampliando meus horizontes, desenvolvendo habilidades práticas e fortalecendo meu propósito de atuar na Educação Física.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada. Cada gesto, palavra ou presença contribuiu para que este momento se tornasse possível.

RESUMO

A Educação Física Escolar tem passado por transformações, abandonando a prioridade no rendimento físico para assumir uma perspectiva humanizadora e de desenvolvimento integral. Os jogos cooperativos no Brasil, impulsionados pelo Prof. Fábio Brotto, emergem como uma proposta metodológica relevante, capaz de promover inclusão, respeito às diferenças, participação e convivência ética, constituindo-se em uma alternativa aos modelos competitivos que ainda predominam. O objetivo do estudo foi analisar como os jogos cooperativos contribuem para a construção de ambientes educativos mais democráticos, participativos e acolhedores no contexto da Educação Física Escolar, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa. A metodologia adotada corresponde a uma revisão bibliográfica narrativa com análise de conteúdo de livros, artigos científicos, dissertações e teses. O material foi organizado em eixos temáticos que abordaram o contexto da Educação Física, o papel da ludicidade, os fundamentos dos jogos cooperativos e as práticas pedagógicas e desafios de sua implementação. A análise evidenciou que os jogos cooperativos favorecem a inclusão, estimulam a comunicação, fortalecem vínculos entre os estudantes e ampliam a participação, resultando na criação de um ambiente menos excludente e mais comprometido com a aprendizagem coletiva. Assim, os resultados apontam que os jogos cooperativos representam uma estratégia pedagógica promissora para transformar as aulas de Educação Física em espaços de convivência democrática e desenvolvimento integral, especialmente quando inseridos de forma intencional e contínua no planejamento docente.

Palavras-chave: Jogos cooperativos; Educação Física Escolar; Práticas pedagógicas; Revisão Bibliográfica Narrativa.

ABSTRACT

School Physical Education has undergone transformations, abandoning the priority of physical performance to assume a humanizing perspective and focus on integral development. Cooperative games in Brazil, promoted by Professor Fábio Brotto, emerge as a relevant methodological proposal capable of promoting inclusion, respect for differences, participation, and ethical coexistence, constituting an alternative to the competitive models that still predominate. The objective of this study was to analyze how cooperative games contribute to the construction of more democratic, participatory, and welcoming educational environments in the context of School Physical Education, through a narrative literature review. The methodology adopted corresponds to a narrative literature review with content analysis of books, scientific articles, dissertations, and theses. The material was organized into thematic axes that addressed the context of Physical Education, the role of playfulness, the fundamentals of cooperative games, and the pedagogical practices and challenges of their implementation. The analysis showed that cooperative games promote inclusion, stimulate communication, strengthen bonds between students, and broaden participation, resulting in the creation of a less exclusionary environment and one more committed to collective learning. Thus, the results indicate that cooperative games represent a promising pedagogical strategy for transforming Physical Education classes into spaces of democratic coexistence and holistic development, especially when intentionally and continuously incorporated into lesson planning.

Keywords: Cooperative games; School Physical Education; Pedagogical practices; Narrative Literature Review.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2.1 Educação Física Escolar: contexto histórico e papel social.....	12
2.2 A ludicidade e o jogo no processo educativo.....	13
2.3 Jogos cooperativos: conceitos e fundamentos teóricos.....	14
2.4 Práticas pedagógicas com jogos cooperativos na Educação Física Escolar.....	16
2.5 Desafios e possibilidades na implementação dos jogos cooperativos.....	18
3. METODOLOGIA.....	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
4.1 Panorama dos estudos sobre jogos cooperativos na Educação Física Escolar.....	22
4.2 Contribuições pedagógicas dos jogos cooperativos.....	22
4.3 Análise Comparativa e o Papel do Professor-Mediador.....	23
4.4 Desafios de Implementação e Perspectivas Futuras.....	23
5. CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar, enquanto componente curricular da Educação Básica, exerce um papel fundamental na formação integral dos estudantes, contribuindo não apenas para o desenvolvimento físico, mas também para as dimensões social, emocional e cognitiva. No contexto brasileiro, essa disciplina passou por significativas transformações ao longo do tempo, desde sua inserção vinculada a objetivos militares, higienistas e de preparação atlética, até a sua consolidação como um espaço de aprendizado, expressão corporal e construção de competências sociais (Betti; Zuliani, 2002). Com o surgimento de novas tendências pedagógicas, a Educação Física deixou de ser entendida exclusivamente como treinamento físico e passou a ser reconhecida como uma disciplina que integra corpo, cultura e sociedade, permitindo aos estudantes conhecer, vivenciar e ressignificar diferentes manifestações corporais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reforça o papel da Educação Física como componente curricular obrigatório, destacando a necessidade de promover a valorização da cultura corporal, o desenvolvimento de competências gerais e a formação de sujeitos éticos, colaborativos e socialmente responsáveis (Brasil, 2018). Nesse sentido, a disciplina escolar deve estimular a empatia, o respeito às diferenças e a tomada de decisões coletivas, contribuindo para a construção de ambientes mais inclusivos e participativos. Diante desse cenário, surge a necessidade de pensar estratégias pedagógicas que possibilitem aos alunos vivenciar situações de aprendizagem coletiva e significativa, indo além da simples prática física ou da competitividade tradicional. (Brasil, 2018; Bicalho, 2013; Alencar, 2019; Borges, 2013)

Entre as abordagens pedagógicas desenvolvidas na Educação Física, emerge a dos jogos cooperativos, cuja a sistematização no Brasil tem como referencial teórico as obras publicadas pelo Professor Fábio Otuzi Brotto, entre elas “Jogos cooperativos: se o importante é competir o fundamental é cooperar” e “Jogos cooperativos: O jogo e o esporte como um exercício de convivência ” publicadas no final da década de 1990 (Maffei, 2019; Capece, 2025). Essas produções contribuíram para difundir uma nova compreensão do jogo enquanto prática educativa voltada ao fortalecimento das relações interpessoais, abrindo espaço para reflexões que valorizam a colaboração, o respeito e a convivência.

Diferentemente dos jogos competitivos, cuja lógica central é vencer o outro, os jogos cooperativos valorizam a colaboração, o respeito mútuo e a busca de objetivos comuns, independentemente das habilidades individuais de cada participante (Brotto, 1999; Orlick, 1989). Essa perspectiva favorece a criação de ambientes mais democráticos e acolhedores, nos quais todos os estudantes, independentemente de suas habilidades, podem participar e contribuir. Além disso, a literatura aponta benefícios como integração social, redução de tensões, fortalecimento de vínculos e desenvolvimento de competências socioemocionais, destacadas por autores como Correia (2006) e Brandão (2001). No entanto, sua implementação na escola também exige planejamento, mediação atenta e formação docente adequada, sobretudo diante de desafios estruturais e da prevalência de práticas competitivas socialmente estabelecidas na realidade escolar. (Antunes, 2016; Bicalho, 2013)

Considerando esse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições dos jogos cooperativos para a construção de ambientes educativos democráticos, participativos e acolhedores na Educação Física Escolar, assim como examinar os desafios e as possibilidades de sua implementação, a partir de uma revisão bibliográfica narrativa. A investigação parte do seguinte problema de pesquisa: qual é o papel dos jogos cooperativos na promoção de ambientes educativos mais democráticos e acolhedores na Educação Física Escolar?

Para responder a essa questão, o estudo discute os fundamentos teóricos dos jogos cooperativos, identifica práticas pedagógicas descritas na literatura, examina suas contribuições para o desenvolvimento social, emocional e formativo dos estudantes e apresenta desafios e possibilidades para sua implementação, com atenção ao papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender a Educação Física como uma disciplina que ultrapassa a dimensão motora, agregando valores, relações e competências fundamentais à formação humana. Ao analisar a literatura, observa-se que os jogos cooperativos ampliam a participação, fortalecem a empatia, promovem a colaboração e contribuem para experiências educativas mais significativas. Além disso, este trabalho propõe reflexões sobre como práticas cooperativas podem complementar diferentes abordagens já presentes na escola, enriquecendo a atuação docente e fortalecendo a intencionalidade pedagógica.

Assim, este estudo busca contribuir para o debate acadêmico e escolar ao oferecer uma visão abrangente sobre a inserção dos jogos cooperativos na Educação Física, destacando suas contribuições, desafios e potencialidades no processo formativo. Dessa

forma, reafirma-se a importância de metodologias que promovam cooperação, respeito mútuo e construção coletiva de experiências que valorizam o desenvolvimento pleno dos estudantes.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Educação Física Escolar: contexto histórico e papel social

A Educação Física no cenário brasileiro passou por diversas transformações ao longo dos anos. Inicialmente, foi inserida no contexto educacional com objetivos militares, higienistas e de preparação atlética, centrando-se em exercícios físicos com fins disciplinadores e de controle corporal (Betti; Zuliani, 2002). No entanto, com o surgimento de novas tendências pedagógicas a educação física escolar foi aderindo um novo conceito como parte do componente curricular. O corpo deixou de ser visto apenas como objeto de treinamento e passou a ser reconhecido como sujeito da cultura, linguagem e da expressão (Coletivo de autores, 2011).

No contexto das políticas educacionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996) representou um marco para a Educação Física, ao consolidá-la como componente curricular obrigatório na Educação Básica, ainda que em alguns períodos tenha sido facultativo no Ensino Médio. Além disso, documentos orientadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enfatizam que a disciplina deve promover o desenvolvimento integral dos estudantes, contemplando não apenas a dimensão física, mas também os aspectos cognitivos, sociais e afetivos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que orienta as diretrizes da educação básica no Brasil, e reafirma o papel da Educação Física como componente curricular obrigatório. Segundo o documento, a área deve contribuir para o desenvolvimento das competências gerais da educação básica, com ênfase na valorização da cultura corporal, na construção da identidade e na convivência ética e respeitosa (Brasil, 2018). A BNCC também destaca que a Educação Física deve promover o trabalho colaborativo, a empatia, o respeito às diferenças e a tomada de decisões, reforçando o potencial da disciplina na formação de sujeitos autônomos e socialmente responsáveis.

Dessa maneira, a Educação Física escolar, enquanto parte integrante do currículo da Educação Básica, tem como responsabilidade favorecer a inserção dos alunos na cultura corporal de movimento, permitindo que eles conheçam, pratiquem e ressignifiquem

diferentes manifestações corporais, como esportes, jogos, danças, ginásticas e outras práticas voltadas à melhoria da qualidade de vida (Betti; Zuliani, 2002).

Assim, a Educação Física escolar consolida-se como um campo de conhecimento que busca integrar corpo, mente e sociedade, favorecendo o desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse sentido, torna-se essencial refletir sobre práticas pedagógicas que estimulem valores como empatia, cooperação e solidariedade, que são princípios diretamente relacionados aos jogos cooperativos.

2.2 A ludicidade e o jogo no processo educativo

No contexto da Educação Física escolar, a ludicidade e o jogo assumem papel central na formação dos estudantes, permitindo o aprendizado por meio da experiência, do movimento e da interação. As atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento motor, cognitivo e social, além de contribuírem para a criação de um ambiente educativo mais prazeroso e inclusivo. O jogo pode ser compreendido como um fenômeno cultural de profunda relevância, considerado por alguns autores anterior à própria civilização (Silva, 2015). Nessa perspectiva, ele se configura como a grande categoria que engloba todas as produções lúdicas (Freire, 1998, apud Brotto, 1999), sendo definido por Huizinga (1996, p. 33, apud Brotto, 1999) como uma atividade exercida em limites específicos de tempo e espaço, acompanhada de sentimentos de tensão e alegria.

A ludicidade ocupa um papel essencial no desenvolvimento integral do ser humano. O jogo é uma das principais formas pelas quais a criança compreende o mundo e interage com ele (Rocha, 2000, apud Borges, 2013). Nos primeiros anos da Educação Básica, o brincar e o jogo simbólico, como o faz de conta, permitem que a criança represente situações cotidianas e sociais, como simular profissões ou os papéis dos pais (Piccolo, 2010, apud Silva, 2015), contribuindo para a construção de significados e o desenvolvimento da imaginação. Para Maia et al. (2007, apud Bicalho, 2013), o jogo estimula o crescimento, a coordenação motora e os aspectos intelectuais, funcionando como um instrumento pedagógico que potencializa a aprendizagem e desperta a curiosidade.

Além do desenvolvimento individual, o jogo promove a socialização, envolvendo regras, cooperação e respeito mútuo. As vivências socioafetivas e psicomotoras proporcionadas pelo brincar preparam a criança para se tornar um adulto capaz de tomar decisões coletivas no cotidiano (Maia et al., 2007, apud Bicalho, 2013).

Entretanto, a Educação Física enfrenta o desafio de transformar o espaço do jogo em um ambiente de coaprendizagem, equilibrando competição e cooperação, uma vez que a competitividade se tornou um paradigma dominante na sociedade (Borges, 2013). Assim, cabe à escola resgatar o verdadeiro sentido do lúdico, favorecendo um espaço no qual os alunos possam descobrir, experimentar e aprender coletivamente, com prazer, alegria e engajamento (Rocha et al., 2013, apud Bicalho, 2013).

2.3 Jogos cooperativos: conceitos e fundamentos teóricos

Os jogos cooperativos representam uma estratégia pedagógica eficaz para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pois promovem experiências em que o êxito depende da colaboração entre os participantes e não da superação de um adversário. Nessa perspectiva, os alunos aprendem a dialogar, a tomar decisões em grupo, a lidar com frustrações e a celebrar conquistas coletivas, competências essenciais para a vida em sociedade (Brotto, 1999; Orlick, 1989).

Os jogos cooperativos podem ser definidos como atividades lúdicas em que todos os participantes trabalham juntos para atingir um objetivo comum, substituindo a lógica de vencer o outro pela busca coletiva de êxito (Brotto, 1999; Orlick, 1989). Neles, a ênfase está na colaboração, inclusão e respeito mútuo, independentemente das diferenças individuais. Diferentemente dos jogos competitivos, em que o foco está na vitória individual ou grupal sobre o outro, os jogos cooperativos buscam criar ambientes seguros e inclusivos, nos quais cada participante tem papel fundamental na conquista do objetivo comum. Essa lógica contribui para o fortalecimento de valores como empatia, respeito, solidariedade e confiança mútua, favorecendo o desenvolvimento socioemocional dos estudantes (Correia, 2006).

Reforçando essa perspectiva de acolhimento e engajamento, Engels e Freund (2020) destacam que atividades cooperativas, quando sistematicamente projetadas, são eficazes em gerar prazer nas aulas de Educação Física, estimulando a participação de todos. Os autores argumentam que, ao focarem na interação social positiva e no esforço para alcançar objetivos coletivos, esses jogos auxiliam especialmente os alunos menos habilidosos, que se sentem mais bem-sucedidos e competentes, promovendo a integração daqueles que, de outra forma, seriam marginalizados por práticas estritamente competitivas.

Além disso, os jogos cooperativos oferecem oportunidades para que os alunos experimentem diferentes papéis sociais, aprendam a se comunicar de maneira assertiva e desenvolvam estratégias conjuntas para solucionar desafios. Essa vivência contribui para o

aumento da autoestima, para a valorização da diversidade e para a construção de relações interpessoais mais saudáveis, tanto no ambiente escolar quanto fora dele (Borges, 2013).

A utilização dos jogos cooperativos na Educação Física escolar surgiu como uma alternativa para reverter modelos competitivistas, tecnicistas e a esportivização que marcaram o ambiente escolar. Desde a década de 1980, busca-se inserir valores como cooperação e solidariedade, que ganharam destaque na sociedade, sendo os jogos cooperativos uma possibilidade concreta para essa inserção (Correia, 2006).

Nesse contexto, foi criada a nomenclatura “Cultura Corporal de Movimento”, que propõe uma abordagem mais humanista para a Educação Física escolar. Essa concepção defende que o esporte seja acessível a todos e que as aulas englobam diversas práticas corporais presentes no Brasil, como capoeira, jogos regionais e danças brasileiras (Coletivo de autores, 2011).

Ao promover situações de cooperação, a Educação Física escolar amplia seu papel formativo e ultrapassa os limites do desenvolvimento físico e motor. Por meio dos jogos cooperativos, torna-se possível integrar corpo, emoção e convivência, favorecendo a formação de sujeitos críticos, participativos e socialmente responsáveis. Assim, essas práticas configuram-se como instrumentos pedagógicos potentes para a construção de ambientes escolares mais inclusivos, democráticos e acolhedores:

Para Brandão (2001, p. 4), “somos humanos porque aprendemos uns com os outros em situações em que a cooperação cria a vida, a sociedade e o próprio conhecimento”.

Nesse sentido, os jogos cooperativos emergem como uma alternativa pedagógica significativa, pois valorizam a participação de todos e enfatizam a colaboração, o respeito mútuo e a construção coletiva do conhecimento. Por meio da Educação Física, é possível promover um ambiente mais acolhedor, inclusivo e colaborativo, contribuindo, assim, para a permanência dos alunos na escola (Brandão, 2001)

Considerando que vivemos em uma sociedade marcada pela competitividade do capitalismo, que influencia o modo de vida e as relações sociais, a vivência dos jogos cooperativos oferece aos alunos a oportunidade de compreender e questionar modelos baseados em competição, dominação, injustiça e desigualdade (Correia, 2006).

Os jogos cooperativos permitem que os alunos trabalhem coletivamente em prol de um objetivo comum, valorizando o respeito mútuo, independentemente das capacidades

físicas ou habilidades individuais de cada participante. Essa prática contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a promoção da colaboração (Borges, 2013).

Além do desenvolvimento físico, os jogos cooperativos favorecem competências socioemocionais, como empatia, comunicação, tomada de decisão em grupo e resolução de conflitos, aspectos valorizados pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Entretanto, é importante ressaltar que tanto os jogos cooperativos quanto os competitivos devem estar presentes no contexto escolar, possibilitando aos alunos conhecer e experimentar diferentes manifestações culturais, ampliando seu repertório e oportunidades de aprendizagem (Alencar, 2019).

De acordo com Orlick (1989), os jogos cooperativos podem ser classificados em quatro categorias principais. Os *jogos cooperativos sem perdedores* têm como objetivo a colaboração de todos os participantes para atingir uma meta comum, sem que haja vencedores ou vencidos. Nos *jogos cooperativos de resultado coletivo*, o sucesso depende do desempenho conjunto do grupo, reforçando a importância da união e do esforço compartilhado. Já os *jogos de inversão* propõem a alternância de papéis ou regras, garantindo oportunidades equitativas de participação entre os integrantes. Por fim, os *jogos semicooperativos* mesclam elementos de cooperação e competição, promovendo um equilíbrio entre ambos os aspectos e permitindo que os alunos compreendam as dinâmicas presentes nas diferentes formas de interação lúdica (Orlick, 1989; Brotto, 1999; Borges, 2013; Bicalho, 2013; Antunes, 2016).

2.4 Práticas pedagógicas com jogos cooperativos na Educação Física Escolar

As práticas pedagógicas com jogos cooperativos na Educação Física Escolar configuram-se como uma proposta filosófico-pedagógica que contrapõe o modelo competitivo historicamente dominante na escola. Ao priorizar a cooperação e a convivência solidária, essa abordagem desafia estruturas tradicionais que reforçam o individualismo e a exclusão (Correia, 2006). Nessa perspectiva, os jogos cooperativos emergem como alternativa capaz de ressignificar o papel do jogo e ampliar seu potencial formativo, promovendo relações mais humanitárias e inclusivas no cotidiano escolar (Brotto, 1999; Mendes et al., 2009).

A fundamentação dessa proposta encontra respaldo nas contribuições de Brotto (1999), que compreende o jogo como um “exercício de convivência”, orientado pela

Consciência da Cooperação. Para o autor, favorecer o encontro em vez do confronto constitui o cerne da intervenção pedagógica, permitindo que “todos possam VenSer”. Tal concepção evidencia que os jogos cooperativos vão além da dimensão motora, pois despertam interesse, favorecem a participação e ampliam as possibilidades de engajamento dos estudantes em atividades físicas de forma lúdica e acessível (Alencar et al., 2019).

No currículo de Educação Física, os jogos cooperativos cumprem três funções centrais: inclusiva, motora e social. Em relação à inclusão, garantem a participação efetiva de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades (Alencar et al., 2019; Borges, 2013). No campo motor, a ludicidade e a diversidade de vivências contribuem para a aprendizagem de habilidades fundamentais desde os primeiros anos escolares. No aspecto social, pesquisas indicam que tais práticas fortalecem vínculos, favorecem atitudes solidárias e reduzem comportamentos agressivos, contribuindo para ambientes de convivência mais equilibrados (Mendes et al., 2009; Negrão-Menezes et al., 2011).

A estrutura dos jogos cooperativos busca transformar a lógica tradicional do jogo ao orientar os participantes a jogar “uns com os outros”, e não “uns contra os outros” (Deacove apud Brotto, 1999). Para isso, o professor pode utilizar diferentes categorias de jogos que introduzem a cooperação de modo progressivo. Os Jogos de Inversão, por exemplo, modificam regras para estimular trocas constantes entre equipes e promover colaboração entre grupos (Alencar et al., 2019). Já os Jogos Semi-Cooperativos preservam elementos competitivos, mas garantem a participação equitativa e diminuem o peso do resultado, fortalecendo a cooperação interna (Borges, 2013; Orlick, 1989 apud Brotto, 1999).

A Pedagogia Cooperativa apoia-se no ciclo Ação–Reflexão–Transformação (Brotto, 1999). Na etapa da Ação, o professor propõe vivências que assegurem a participação de todos. Na Reflexão, promove-se o diálogo coletivo, permitindo que conflitos, percepções e dificuldades sejam compartilhados. Esse momento é decisivo para construir consciência sobre a cooperação e ajustar regras quando necessário. A fase da Transformação ocorre quando o grupo revela mudanças na forma de agir e se relacionar, consolidando atitudes mais colaborativas. Nesse processo, o docente atua como mediador, utilizando estratégias como o “pedido de tempo” para favorecer ajustes imediatos e decisões coletivas.

Os jogos cooperativos também têm papel destacado na formação atitudinal dos estudantes, alinhando-se ao princípio do “aprender a viver juntos” da UNESCO (Delors, 1998 apud Alencar et al., 2019). Essas práticas favorecem o desenvolvimento de habilidades humanas essenciais, como respeito, confiança, criatividade e solidariedade (Brotto, 1999;

Silva, 2012). Não por acaso, muitos docentes reconhecem a formação de valores e a socialização como objetivos centrais dessa abordagem pedagógica (Borges, 2013).

Por fim, os objetivos dos jogos cooperativos projetam-se para além do momento da aula, contribuindo para o exercício da cidadania por meio de atitudes cotidianas de diálogo, cooperação e respeito mútuo (Gonçalves; Fischer, 2007 apud Alencar et al., 2019). Ao fortalecer autonomia, autoconfiança e vínculos afetivos, esses jogos tornam-se ferramentas valiosas para a formação integral dos estudantes. A literatura converge ao apontar que sua inserção sistemática no contexto escolar amplia possibilidades educativas e colabora para a construção de ambientes mais democráticos, acolhedores e participativos (Alencar et al., 2019).

2.5 Desafios e possibilidades na implementação dos jogos cooperativos

A implementação dos jogos cooperativos na Educação Física Escolar é um processo dialético, permeado por amplas possibilidades de desenvolvimento humano, mas também por desafios culturais e pedagógicos. Essa proposta, entendida como uma abordagem filosófico-pedagógica, busca desmistificar o paradigma competitivo dominante e promover a ética da cooperação, visando a melhoria da convivência e da qualidade de vida para todos (Correia, 2006; Soler, 2003 apud Araújo, 2014). Trata-se, portanto, de uma revisão crítica dos valores associados ao modelo competitivo característico da sociedade capitalista (Correia, 2006), configurando uma tendência alinhada a projetos educacionais não competitivos na Pedagogia do Esporte (Brotto, 1999; Correia, 2006).

O principal obstáculo para consolidar práticas cooperativas na escola é a forte resistência cultural, resultado da predominância de valores individualistas e competitivos na sociedade ocidental. Os jogos cooperativos emergem justamente da preocupação com a “excessiva valorização do individualismo e da competição exacerbada” (Brotto, 1999). Muitos alunos chegam à escola reproduzindo esse padrão, influenciados por vivências familiares e por jogos, inclusive eletrônicos, estruturados em lógicas de guerra, comércio e eliminação, que reforçam o ideal da competência competitiva (Brandão, 2001; Bicalho, 2013; Silva, 2015).

Mesmo diante de avanços teóricos na área, o mito da competição permanece naturalizado no cotidiano escolar, sendo frequentemente tratado como um valor inquestionável por muitos professores (Correia, 2006). A crença de que “a competição faz parte da natureza humana” (Brotto, 1999) reforça essa resistência, embora seja contestada por

perspectivas biológicas, como a de Humberto Maturana, para quem a competição é um fenômeno cultural e não biológico. Ao sustentar práticas que negam o outro, a escola contribui para a redução da sensibilidade às diferenças e para a manutenção de lógicas de dominação (Brotto, 1999; Brandão, 2001).

A centralidade dos jogos competitivos e dos esportes de rendimento como foco das aulas gera impactos pedagógicos e sociais significativos. Esse modelo tende a reforçar exclusões, gerar sentimentos de insegurança e intensificar desigualdades de participação (Alencar, 2006; Brandão, 2001). Alunos menos habilidosos são frequentemente marginalizados e se tornam observadores passivos, o que prejudica sua autoconfiança e limita suas vivências motoras (Brandão, 2001; Neto et al. apud Bicalho, 2013). Além disso, contribui para a formação de sujeitos orientados por valores individualistas, coerentes com ideais competitivos do mercado capitalista contemporâneo (Bicalho, 2013).

Outro desafio relevante está relacionado à formação inicial dos educadores. Muitos professores foram formados sob um paradigma fortemente competitivo, o que dificulta a compreensão e a aplicação de práticas cooperativas (Antunes, 2016). Para superar essa limitação, é fundamental que o docente reconheça a cooperação como uma alternativa viável e necessária, evitando permanecer “engessado” em metodologias tradicionais e valorizando a educação em valores humanos (Antunes, 2016; Sassi, 2009 apud Silva, 2012). A ênfase deve ser deslocada dos resultados para o processo, priorizando as trocas, o respeito e a convivência (Brandão, 2001).

A transição para uma cultura cooperativa é, portanto, lenta e suscetível a resistências (Brotto, 1999). Muitos alunos, acostumados à lógica competitiva, apresentam inicialmente comportamentos como desmotivação, conflitos e rejeição às atividades. Tais reações podem gerar insegurança no professor, que corre o risco de abandonar a proposta e retornar a práticas anteriores (Brotto, 1999; Silva, 2012). No entanto, esses conflitos devem ser compreendidos como oportunidades pedagógicas para problematizar o paradigma dominante e construir novas formas de interação (Correia, 2006).

A principal possibilidade para o sucesso dessa abordagem reside na mudança da mentalidade pedagógica. O educador deve promover uma transição do modelo “uns contra os outros” para “uns com os outros” (Deacove apud Brotto, 1999), assumindo que “se o importante é competir, o essencial é cooperar” (Brandão, 2001). Seu papel é criar cenários de respeito e aceitação das diferenças, estimulando a convivência e a resolução coletiva de conflitos. Além disso, essa proposta se articula aos objetivos dos Parâmetros Curriculares

Nacionais ao incentivar o senso crítico, o diálogo e a tomada de decisões coletivas (PCN, 1997; Gonçalves & Fischer apud Alencar, 2019).

Essa transformação se concretiza por meio da Pedagogia da Cooperação, estruturada na dinâmica Ação-Reflexão-Transformação (Brotto, 1999). A Ação promove a inclusão e o respeito às diferentes formas de participação; a Reflexão favorece a construção coletiva e o aprimoramento das atividades; e a Transformação estimula o consenso e o compromisso mútuo. Estratégias como jogos de inversão ou semi-cooperativos, que exigem participação de todos, fortalecem a colaboração e a coesão grupal (Orlick, 1989 apud Correia, 2006; Borges, 2013). Pesquisas indicam que a vivência sistemática desses jogos reduz comportamentos agressivos e atitudes excludentes, ampliando o engajamento coletivo (Oliveras apud Correia, 2006; Schwartz et al. apud Silva, 2012).

O grande desafio, porém, é extrapolar o momento do jogo e consolidar a cooperação como valor permanente, transformando-a em ferramenta de enfrentamento às desigualdades e à competição exacerbada presentes na sociedade contemporânea (Correia, 2006).

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e natureza descritiva. A pesquisa bibliográfica é fundamental para a construção de um referencial teórico consistente, utilizando materiais previamente elaborados e publicados, como livros, artigos científicos, teses e dissertações (Minayo, 2012). O objetivo desta metodologia foi estabelecer o panorama teórico e os fundamentos conceituais da utilização dos jogos cooperativos como estratégia pedagógica na Educação Física Escolar.

O procedimento de coleta de dados ocorreu por meio de uma Revisão Narrativa de Literatura, que permitiu um levantamento amplo e não sistemático das obras, orientado por critérios de pertinência temática e relevância científica. A seleção priorizou autores seminais no campo dos jogos cooperativos, como Orlick e Brotto, além de obras que tratam das tendências pedagógicas e do papel social da Educação Física. Foram incluídos materiais publicados em português e inglês, abrangendo livros, artigos científicos, dissertações e teses, e excluídos aqueles que não dialogavam diretamente com os objetivos do estudo ou cuja confiabilidade fosse limitada.

A pesquisa foi conduzida em bases de dados acadêmicas, como Google Scholar, Scielo e PubMed, utilizando palavras-chave específicas, como “Jogos cooperativos”, “Jogos

cooperativos na Educação Física Escolar” e “Educação Física Escolar”. Consideraram-se tanto publicações recentes quanto referências clássicas, com o intuito de contemplar uma visão ampla e histórica sobre o tema. Após a seleção das obras, procedeu-se à Análise de Conteúdo, inspirada em Bardin (2011), envolvendo três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, com agrupamento das unidades de significado em categorias temáticas.

Os eixos temáticos emergiram desse processo analítico. A partir da codificação dos trechos mais relevantes, as unidades de registro foram agrupadas por similaridade, dando origem aos seguintes eixos: (a) o contexto histórico e o papel social da Educação Física Escolar; (b) a ludicidade e o jogo no processo educativo; (c) os conceitos e fundamentos teóricos dos jogos cooperativos; (d) as práticas pedagógicas associadas aos jogos cooperativos na Educação Física Escolar; e (e) os desafios e possibilidades de implementação dessa abordagem no ambiente escolar. A análise buscou identificar convergências, divergências e lacunas nas obras consultadas, permitindo uma compreensão aprofundada sobre o tema.

No primeiro eixo, a literatura mostrou que a Educação Física passou de modelos higienistas e militarizados para concepções mais humanizadoras (Betti, 1991), o que abre espaço para propostas pedagógicas centradas na participação e inclusão, como os jogos cooperativos. O segundo eixo destacou a ludicidade como elemento fundamental do processo educativo. Autores como Huizinga (1990) e Silva (2015) apontam o jogo como espaço de criação, interação e construção de aprendizagens significativas, reforçando sua importância na Educação Física.

No terceiro eixo, voltado aos conceitos e fundamentos teóricos dos jogos cooperativos, identificou-se forte base nos trabalhos de Orlick (1989) e Brotto (1999, 1997), que entendem a cooperação como processo intencional que promove inclusão, solidariedade, empatia e corresponsabilidade. Esses autores defendem que os jogos cooperativos rompem com a lógica da competição excludente ao propor desafios coletivos, nos quais todos os participantes são igualmente importantes para o sucesso.

O quarto eixo evidenciou que as práticas pedagógicas com jogos cooperativos demandam planejamento intencional e uma mediação docente sensível ao processo. A literatura mostra que, quando o professor organiza vivências pautadas na participação de todos, promove momentos de reflexão coletiva e orienta o grupo pelo ciclo Ação–Reflexão–Transformação (Brotto, 1999), essas práticas ampliam o engajamento dos

estudantes e fortalecem competências socioemocionais, como solidariedade, respeito, confiança e convivência colaborativa.

Por fim, o quinto eixo apresentou desafios e possibilidades. A resistência docente, a cultura esportivizada e a falta de formação são apontadas como obstáculos. Em contrapartida, a literatura destaca avanços significativos na convivência, no engajamento e na inclusão quando os jogos cooperativos são adotados de modo contínuo (Brotto, 1999; Orlick, 1989).

A escolha da Revisão Narrativa justifica-se por possibilitar uma abordagem ampla e interpretativa, adequada para compreender conceitos, tendências e fundamentos pedagógicos, sem a rigidez metodológica típica de revisões sistemáticas. Aliada à Análise de Conteúdo, essa abordagem permitiu interpretar criticamente a literatura e refletir sobre a aplicabilidade dos jogos cooperativos no contexto escolar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Panorama dos estudos sobre jogos cooperativos na Educação Física Escolar

O panorama da literatura sobre jogos cooperativos na Educação Física Escolar reflete o interesse em promover práticas mais inclusivas e democráticas, buscando romper com o paradigma tradicional da competição e do rendimento (CORREIA, 2006; BROTTTO, 1999). Essa abordagem é reconhecida por favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes, ao estimular a solidariedade, o respeito e o trabalho em grupo. Estudos recentes, inclusive, têm articulado os jogos cooperativos às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), especialmente no desenvolvimento das competências socioemocionais e na valorização da diversidade cultural, apontando para o potencial de transformar a Educação Física em uma perspectiva mais humana e inclusiva.

4.2 Contribuições pedagógicas dos jogos cooperativos

As contribuições pedagógicas dessa metodologia ultrapassam a dimensão motora, alcançando aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Ao promover experiências baseadas na colaboração e interdependência, estimulam-se valores como empatia, solidariedade e confiança mútua, fundamentais para a formação cidadã (Brotto, 1999; Orlick, 1989). Os jogos cooperativos são eficazes na promoção da inclusão, permitindo a participação ativa de

todos os estudantes, independentemente de suas habilidades físicas, e contrastando com a valorização estrita do desempenho técnico em práticas esportivas. Dessa forma, o foco da prática pedagógica se desloca do "vencer" para o "conviver", contribuindo para a construção de uma Educação Física mais crítica e humanizadora.

4.3 Análise Comparativa e o Papel do Professor-Mediador

A comparação entre jogos cooperativos e competitivos revela diferenças conceituais e educacionais significativas: enquanto a competição se fundamenta na lógica do “um contra o outro”, a cooperação prioriza o sucesso alcançado coletivamente (Ortega; Gutiérrez, 2000). O desafio, portanto, consiste em equilibrar essas abordagens, uma vez que, embora os jogos cooperativos favoreçam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais (Brotto, 1999), elementos competitivos também podem contribuir para a motivação e o aprimoramento técnico.

A literatura aponta que ambos os modelos podem coexistir, desde que o professor adote uma postura crítica e reflexiva na seleção e condução das atividades, pois a aplicação integrada dessas práticas proporciona uma formação mais completa aos estudantes (Alencar, 2019). Nesse sentido, os jogos competitivos permitem que os alunos aprendam a lidar com frustrações, reconheçam conquistas e desenvolvam resiliência (Mendes, 2000; Silva, 2015).

Nesse contexto, o professor deixa de atuar apenas como transmissor de regras e assume o papel de mediador do processo educativo. Sua intervenção favorece a reflexão crítica sobre atitudes e comportamentos durante as vivências, potencializando os benefícios de uma formação integral (PCN, 1997; Brotto, 1999; Correia, 2006).

4.4 Desafios de Implementação e Perspectivas Futuras

A implementação efetiva dos jogos cooperativos ainda enfrenta diversos desafios, especialmente a forte esportivização das aulas de Educação Física e fatores estruturais e institucionais, como a falta de infraestrutura, a carga horária reduzida e a sobrecarga de trabalho docente. Esses obstáculos reforçam a predominância de práticas competitivas no contexto escolar, dificultando a consolidação de metodologias centradas na cooperação (Correia, 2006; Bicalho, 2013; Borges, 2013).

As perspectivas futuras indicam a necessidade de compreender os jogos cooperativos não apenas como uma metodologia alternativa, mas como uma prática pedagógica contínua e

estruturante. Para isso, é fundamental que a formação inicial e continuada de professores incorpore discussões sobre metodologias cooperativas, capacitando o docente a planejar, mediar e refletir sobre as vivências de forma crítica e intencional (Alencar, 2019; Brotto, 1999; Orlick, 1989).

Além disso, a BNCC (Brasil, 2018) reforça competências relacionadas à convivência, empatia, resolução de conflitos e trabalho coletivo, indicando que práticas cooperativas podem contribuir diretamente para tais finalidades. Assim, a Educação Física tem o potencial de transformar suas aulas em espaços de convivência democrática e cidadã, alinhando-se às demandas formativas atuais.

Dessa forma, os jogos cooperativos se apresentam como uma alternativa pedagógica significativa, capaz de desafiar o modelo tradicional, promover aprendizagens significativas, fortalecer vínculos e contribuir para a construção de uma escola mais humana e democrática. Entretanto, essa perspectiva exige um olhar crítico sobre as metodologias utilizadas e um compromisso contínuo com práticas que valorizem o diálogo, a participação e o respeito mútuo.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho evidenciou que os jogos cooperativos constituem uma estratégia pedagógica significativa na Educação Física Escolar, capaz de promover aprendizagens integradas, inclusão social e o desenvolvimento de competências socioemocionais nos estudantes. A revisão da literatura demonstrou que, ao priorizar a colaboração, a empatia e a participação coletiva, essas práticas contribuem para a construção de um ambiente escolar mais democrático e acolhedor, desafiando o paradigma tradicional centrado na competição e no desempenho técnico.

Apesar das contribuições pedagógicas destacadas, o estudo também identificou desafios relevantes para a sua implementação dos jogos cooperativos, como a predominância de práticas competitivas, limitações estruturais e falta de formação docente voltada às metodologias cooperativas. Esses obstáculos reforçam a necessidade de uma atuação reflexiva por parte dos professores, que devem planejar e mediar atividades de forma intencional, equilibrando elementos competitivos e cooperativos de acordo com os objetivos formativos.

Por fim, este Trabalho de Conclusão de Curso aponta que a valorização dos jogos cooperativos na Educação Física Escolar não se restringe ao âmbito da prática motora, mas se estende à formação integral dos estudantes, ao fortalecimento de vínculos sociais e à promoção de valores éticos e de cidadania. Assim, consolida-se a perspectiva de que a Educação Física, quando pautada em metodologias cooperativas, pode exercer um papel transformador, promovendo experiências significativas e contribuindo para a construção de uma escola mais inclusiva, reflexiva e comprometida com o desenvolvimento pleno dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gildiney Penaves de; PEREIRA, Maria da Graça de Lira; PEREIRA, Thiago Teixeira; VIEGAS DE OLIVEIRA, Cristiane Martins; MORAIS, Camila Souza de; OTA, Gabriel Elias. Jogos cooperativos: relações e importância na Educação Física Escolar. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 20, n. 2, p. 220-223, 2019.

ANTUNES, Eloisa de Lima; OLIVEIRA, Jessica Karina de; MACHADO, Sonia Mara. Os benefícios das atividades físicas através dos jogos cooperativos nas séries iniciais. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituição de Ensino Superior Sant'Ana, Ponta Grossa, 2016.

ARAÚJO, J. A.; ROCHA, E. L. Jogos cooperativos como instrumento de inclusão social na Educação Física Escolar. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 19, n. 193, 2014.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 79-81, 2002.

BICALHO, Gabriel Bruzadelli. Benefícios dos jogos cooperativos no Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília, 2013.

BORGES, Jackson Martins; SOUSA, Francisco José Fornari. Jogos cooperativos na escola. 2013. Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro Universitário FACVEST.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O jogo das palavras semente e outros jogos para jogar com ideias e com palavras. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROTTO, Fabio Otuzi. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 1999. 197 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

BROTTO, Fábio Otuzi. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. São Paulo: Projeto Cooperação; Santos: Ed. Renovada, 1997.

CAPECE, João Francisco; BRANCO, Angela Uchoa. Jogos cooperativos e a qualidade das interações sociais em sala de aula: contribuições da psicologia cultural. *Aracê*, [S. l.], v. 7, n. 4, 2025. DOI: 10.56238/arev7n4-260. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/467>

COLETIVO DE AUTORES. A cultura corporal em questão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.

CORREIA, Marcos Miranda. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilities e desafios na educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006.

ENGELS, E. S.; FREUND, P. A. Effects of cooperative games on enjoyment in physical education – How to increase positive experiences in students? *PLoS One*, v. 15, n. 12, e0243608, 2020. DOI: 10.1371/journal.pone.0243608.

MAFFEI, Willer Soares. *Proposições teórico-metodológicas e práticas pedagógicas da educação física*. 1. ed. Curitiba, PR: Intersaberes, 2019. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>

MENDES, Lígia Calandro; PAIANO, Ronê; FILGUEIRAS, Isabel Porto. Jogos cooperativos: eu aprendo, tu aprendes e nós cooperamos. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 133-154, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2012.

NEGRÃO-MENEZES, L. et al. Comparação do comportamento agressivo dos alunos entre jogos competitivos e cooperativos durante as aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. *Rev. Hórus*, v. 6, n. 4, p. 29-39, 2011.

ORLICK, Terry. *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SILVA, Jhonny Kleber Ferreira da; DOHMS, Fernando Cesar; CRUZ, Leandro Marcondes; TIMOSSI, Luciana da Silva. Jogos cooperativos: contribuição na escola como meio socializador entre crianças do ensino fundamental. *Motrivivência*, v. 24, n. 39, p. 195-205, 2012.

SILVA, Marlon Danilo Ribeiro da. *A importância dos jogos cooperativos como fator de inclusão social nas séries iniciais do ensino fundamental*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2015.

Aluna: Andreina Alessandra Nascimento Ribeiro

Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger